

Fidel foi ao cinema: o socialista visto pelas lentes do liberal*

Charles Sidarta Machado Domingos**

Resumo:

Este artigo aborda a visão hegemônica sobre a Revolução Cubana nos nossos dias. Para tanto, utilizamos como fonte privilegiada de estudo o filme *Fidel*, do diretor britânico David Attwood. A partir dessa obra, o texto procura estabelecer as relações entre Cuba e os Estados Unidos e o desenvolvimento do processo revolucionário cubano ao longo da segunda metade do século XX e inícios do XXI.

Palavras-chave: Revolução Cubana – Fidel – Anti-imperialismo.

Abstract:

This article discusses the hegemonic view of the Cuban Revolution in our time. Therefore, employ the film *Fidel*, of director of Britain's David Attwood, as a privileged source of study. From this work, the text seeks to establish relations between Cuba and the United States of America and development of the Cuban revolutionary process throughout the second half of the twentieth and early twenty-first.

Keywords: Cuban Revolution – Fidel – anti-imperialism

Introdução

Faz 50 anos que a Revolução Cubana foi implantada. Nesse período, não houve momento na História em que o processo revolucionário cubano não fosse alvo de polêmicas. Mesmo para os que não se filiam aos radicalismos de esquerda e de direita, a Revolução Cubana é um acontecimento rico em todas suas dimensões: sociais, políticas, econômicas e culturais. Ao completar meio século, qual a visão que se tem hoje da Revolução que modificou a inserção de Cuba na História Contemporânea da América Latina?

Uma aproximação um tanto mais próxima da visão hegemônica contemporânea sobre a Revolução Cubana pode ser encontrada no filme *Fidel*, dirigido pelo cineasta britânico David Attwood.¹ Produção de 2001, *Fidel* demonstra, de forma bastante didática, o processo

* Este artigo é dedicado para Raquel Rocha Belmini que ama a Revolução Cubana.

** Professor de História no Instituto Federal Sul-rio-grandense (IFSUL). Doutorando em História na UFRGS, sob orientação da Prof. Dra Carla Brandalise. Autor de *O Brasil e a URSS na Guerra Fria: a Política Externa Independente* na imprensa gaúcha. Porto Alegre: Suliani Letra & Vida, 2010. E-mail: charles@charqueadas.ifsul.edu.br

¹ Um outro olhar sobre a visão contemporânea da Revolução, tendo como fonte privilegiada a grande imprensa e não o cinema, pode ser encontrado no livro de Claudia Wasserman (WASSERMAN, 2009).

revolucionário cubano a partir das ações de Fidel Castro no período compreendido entre os anos de 1949 e 2001.

Fidel traz importantes contribuições para as reflexões acerca do cinquentenário da Revolução Cubana – a despeito de ter sido realizado quando do aniversário de 42 anos da Revolução. Dessa maneira, procuraremos analisar a História de Cuba e de sua Revolução articulando as ações de seus protagonistas, em especial de Fidel Castro, com o contexto histórico que possibilitou seu desenvolvimento, seguindo um axioma muito caro a nós, quer seja, “os homens fazem sua própria história, mas não a fazem como querem; não a fazem sob as circunstâncias de sua escolha, e sim, sob aquelas com que se defrontam diretamente, legadas e transmitidas pelo passado” (MARX, 1974, p. 335).

Como tudo começou

Em 11 de abril de 1895, teve início a “a segunda guerra de independência de Cuba”.² Embora tenha morrido praticamente uma semana após o desembarque em solo cubano – em 19 de abril – José Martí era a mais importante referência para o sentimento nacional que impulsionava a luta pela independência cubana. Jornalista e escritor, Martí propiciou a consistência moral do povo cubano. Quando do exílio, foi o fundador do Partido Revolucionário Cubano, unificando, através do discurso nacionalista, todas as facções que se opunham ao domínio da Espanha.³

Ao longo da “segunda guerra de independência cubana” (1895-1898), morreram aproximadamente 400 mil cubanos contra 80 mil espanhóis. Mesmo assim, as forças cubanas conseguiram obter o domínio sobre a ilha e sua capital, Havana. Em 15 de fevereiro de 1898, quando as forças cubanas estavam prestes a expulsar os espanhóis, houve a explosão do navio estadunidense *Maine*, que estava ancorado no porto de Havana. Em razão disso, os Estados Unidos da América (EUA) declararam guerra à Espanha e interviram em território cubano. Em pouco tempo a guerra hispano-americana teve fim – em agosto foi assinado o armistício e em dezembro a Espanha reconheceu a independência de Cuba.

Todavia, a “independência” de Cuba não se constituiu em uma independência de fato, nem de direito. Os Estados Unidos mantiveram o controle militar sobre o país até 1902, através da *Emenda Platt*.

Os Estados Unidos começaram a emergir como a principal força imperialista na América Latina – suplantando a Inglaterra. Cuba se constituía como seu principal laboratório. Até o ano de 1959, mantinham o controle político e econômico sobre o país, tendo intervindo militarmente de forma direta após a decretação da *Emenda Platt* entre 1906 e 1909, em 1912, e de 1917 a 1923. Mesmo com a revogação da *Emenda Platt* em 1934, em sintonia com a Política de Boa Vizinhança de Franklin Delano Roosevelt – os governos cubanos não

² A “primeira guerra de independência” de Cuba ocorreu ao longo de 10 anos (1868-1878).

³ Luiz Roberto Lopez nos adverte sobre a importância de Martí para o sentimento anti-imperialista que respaldou a Revolução Cubana: “Morto José Martí [...] ficou intocável o maior mérito do ‘Apóstolo de Cuba’ – o de haver sido um precursor na formação de uma consciência anti-imperialista na América Latina (LOPEZ, 1983, p. 41).

passavam de marionetes orquestrados pelos embaixadores estadunidenses no país. Tudo isso acabou incendiando o nacionalismo cubano, propalado por José Martí nos fins do século XIX, e lhe dando forte conteúdo anti-imperialista, o que equivale a dizer, antiestadunidense.⁴

Os anos que *Fidel* não mostra

Poucos anos antes da revogação da *Emenda Platt*, Cuba passou pelo governo ditatorial do general Gerardo Machado (1925-1933). Marcadamente autoritário, esse governo teve na repressão violenta aos movimentos populares sua marca mais característica. Foi nesse período que nasceu o Partido Comunista Cubano (1925), que teve entre seus fundadores o jovem estudante Julio Antonio Mella, um ardoroso defensor da independência cubana, eivada de nacionalismo anti-imperialista.

A ditadura de Machado passava a sofrer contestações cada vez maiores. Com a crise de 1929 e a conseqüente diminuição da exportação do principal produto cubano – o açúcar – a ditadura ficou fragilizada. Carlos Manuel de Céspedes assumiu como presidente por um curto período – menos de um mês. Os setores subalternos do Exército, tendo à frente o sargento Fulgencio Batista, depuseram Céspedes do poder, contando com o apoio do Diretório Estudantil Universitário – liderado por Antonio Guiteras Holmes e que representava as forças mais radicais a favor da independência de Cuba e de seu desenvolvimento. Com isso, Ramón Grau San Martín assumiu a presidência e sob influências do Diretório radicalizou o processo político:

Bajo o lema de "Cuba para los cubanos", el nuevo gobierno procedió a dictar leyes reformista a ritmo vertiginoso, comprometiéndose com la reconstrucción económica, el cambio social y la reorganización política. El nuevo gobierno abrogó la Emienda Platt y disolvió todos los partidos machadistas. Las tarifas de los servicios públicos se rebajaron en un 40 por 100 y se redujeron los tipos de interés. Se dio el voto a las mujeres y la autonomía a la universidad. Em el terreno laboral, entre las reformas que efectuó el gobierno cabe señalar el salario mínimo para los cortadores de caña, el arbitraje obligatorio de los conflictos laborales, la jornada de ocho horas, indemnizaciones a los trabajadores, la creación de un ministerio de trabajo y un decreto sobre la nacionalización del trabajo que disponía que el 50 por 100 de todos los empleados de la industria, el comercio y la agricultura fuesen ciudadanos cubanos. Em cuanto a la agricultura, el gobierno patrocinó la creación de asociaciones de colonos, garantizó a los campesinos el derecho permanente a la tierra que ocupaban y puso en marcha un programa de reforma agrária (PÉREZ JUNIOR, 1998, p. 162).

No entanto, o Exército não era favorável a essa radicalização. Percebendo isso, o embaixador estadunidense Sumner Welles tratou de convencer Batista da necessidade de interferir no poder – oferecendo o apoio dos EUA. Desse modo, em janeiro de 1934 Batista retirou o apoio do Exército a Grau San Martín e o ofereceu a Carlos Mendieta, velho político cubano: em 5 dias os EUA reconheceram o novo presidente.

Em 1939 se reuniu uma Assembléia Constituinte em Cuba. Com representação de todas as forças políticas do país foi promulgada a Constituição de 1940, notadamente progressista, tanto em relação aos direitos sociais quanto políticos. O que a Constituição

⁴ Lopez recupera uma frase emblemática de José Martí a esse respeito: "os povos da América são mais livres e prósperos na medida em que mais se afastam dos Estados Unidos" (LOPEZ, 1983, p. 28).

fazia, de fato, era regulamentar as conquistas de 1933. Porém, muitos de seus artigos não foram postos em prática.

No mesmo ano da promulgação da Constituição, 1940, houve eleições presidenciais – e sem fraudes. Fulgencio Batista obteve mais de 800 mil votos, derrotando o candidato do PRC- Autentico, Grau San Martín, que recebeu 575 mil votos. Batista contou com o apoio do Partido Comunista Cubano, que foi acalentado com dois ministérios.⁵ Ao longo desses 4 anos – nos quais a Segunda Guerra Mundial favoreceu a economia cubana – Batista governou em franca aliança com os EUA.

Em 1944 o candidato da situação, Carlos Saladrigas, foi derrotado por Grau San Martín, que trazia grandes expectativas. Porém, a corrupção, a subordinação aos Estados Unidos e o “gangsterismo” gestado ao longo do governo Batista não foram exterminados durante o seu governo (1944-1948). E continuaram presentes ao longo do governo de seu sucessor, Carlos Prío Socarrás (1948-1952).

O processo revolucionário

É durante o governo de Prío Socarrás que o filme *Fidel* traz as primeiras imagens da Cuba pré-revolucionária. Partindo do ano de 1949, o diretor David Attwood traz a profanação dos valores nacionais de Cuba por parte dos EUA: fuzileiros navais estadunidenses entram em cena, em uma Cuba recheada de cabarés e prostituição, e urinam na estátua de José Martí. Com isso, Attwood realiza sua primeira crítica aos EUA no filme. Mostra o total desrespeito para com o maior herói da Independência de Cuba por parte dos estadunidenses. O que equivale a dizer que Cuba não passa de uma colônia do vizinho do Norte, ou melhor, seu “quintal”: lugar para diversões proibidas na terra do puritanismo.

A reação é posta de imediato. Alguns cubanos, dentre os quais Fidel Castro, fotografam a cena em um momento pornográfico. A foto é publicada em um jornal de Havana e aparece a primeira manifestação, no filme, do povo cubano. Em frente à Embaixada estadunidense, exigem explicações ao representante dos EUA. O embaixador pede desculpas e diz prezar muito a memória do grande herói cubano... e esquece-se do nome de Martí. Junto à multidão, Fidel sobe em um carro e se dirige ao embaixador, realizando um discurso de teor nacionalista e anti-imperialista, e exigindo que os fuzileiros navais sejam punidos.

Castro, nessa época, fazia parte do Partido do Povo Cubano (Ortodoxos), uma dissidência do PRC (Autenticos). A principal liderança do partido era o senador Eduardo Chibás, potencial candidato da oposição. Seus discursos eram transmitidos pelo rádio todos os domingos. Como o filme demonstra, num desses programas de rádio, no ano de 1951, ao não conseguir as provas que tinha anunciado divulgar no ar, o senador acabou se suicidando no estúdio da rádio. Fidel participa desse acontecimento de forma protagônica, ao afirmar: “– A morte de Chibás não foi suicídio. Foi assassinato”.

⁵ Os ministérios foram ocupados por Juan Marinello e Carlos Rafael Rodríguez.

Fidel Castro ainda é um crente na democracia. Acredita no poder do voto e das instituições. Somente modificará suas posições a esse respeito em 1952, quando Batista, sabedor que perderá a eleição para Agramonte, dá o golpe militar. O filme de Attwood traz a representação clássica dos golpes militares latino-americanos nessa situação: a cena apresenta as botas negras, dos militares, representando um momento de extrema tensão. Pode-se dizer, no campo das conjecturas, que é nesse golpe militar que o futuro de Castro e o futuro da Revolução Cubana são selados: não fosse o golpe, Fidel poderia ter sido eleito deputado e transformado-se, com o tempo, em mais um político tradicional, como acabou virando Grau San Martín.

A desilusão com a democracia – frágil frente a força das armas – faz com que Fidel se modifique: “ – Nada mudará se não houver uma Revolução” é a senha para seu ingresso pela via armada. Ao ser convidado a ingressar no Partido Socialista Popular (PSP), recusa.⁶ O golpe militar de Fulgencio Batista desencadeia um descrédito muito grande nas instituições políticas. E propicia, desse modo, a busca por novas alternativas. Dentre elas, a luta armada é uma opção que congrega distintos setores da população – embora nesse primeiro momento estejam ainda muito vinculados com os setores médios urbanos.

É planejado um ataque ao quartel de Moncada, que acaba fracassando. Nesse momento, o filme de David Attwood faz nova denúncia da violência do governo Batista: mostra, de forma clara, as execuções realizadas pelo Exército. E mais: traz a violenta cena do militar entregando a Aydée Santamaría o olho de seu irmão Abel, obtido através da tortura. No rádio, há o anúncio “– Os rebeldes devem ter tido apoio dos comunistas”, como forma de associar a causa nacionalista à causa comunista, o que não correspondia à realidade.

Fidel Castro acaba sendo preso e julgado. Ele mesmo faz sua defesa, advogado de ofício que é. Vincula sua defesa à defesa do povo cubano; traz sua decepção como uma decepção da cidadania:

Era uma vez uma república. Tinha sua constituição, suas leis, suas liberdades; presidentes, congresso, tribunais; todo o mundo podia se reunir, organizar-se, falar e escrever com inteira liberdade. O governo não satisfazia ao povo, mas o povo podia mudá-lo e só faltavam alguns dias para que o fizessem. Existia uma opinião pública respeitada e acatada, e todos os problemas de interesse coletivo eram discutidos livremente. Havia partidos políticos, horas de propaganda pelo rádio, debates na televisão, atos públicos, e no povo palpitava o entusiasmo. Este povo tinha sofrido muito e, se não era feliz, desejava vê-lo e tinha direito a isso. Tinha sido enganado muitas vezes e olhava o passado com verdadeiro terror. Acreditava cegamente que ele não poderia voltar; estava orgulhoso do seu amor à liberdade e vivia convencido de que ela seria respeitada como coisa sagrada; sentia uma nobre confiança na segurança de que ninguém se atreveria a cometer o crime de atentar contra suas instituições democráticas. Desejava uma mudança, uma melhoria, um avanço, e os via próximos. Toda sua esperança estava no futuro. Pobre povo! Uma manhã a cidadania despertou estremecida; nas sombras da noite os espectros do passado tinham se conjurado enquanto ela dormia, e agora a tinham agarrada pelas mãos, pelos pés e pelo pescoço. Aquelas garras eram conhecidas, aquelas gargantas, aquelas foices de morte, aquelas botas ... Não, não era um pesadelo; tratava-se da triste e terrível realidade: um homem chamado Fulgencio Batista acabava de cometer o horrível crime que ninguém esperava... (CASTRO, 2009, p. 71-72).

⁶ O Partido Comunista Cubano assumiu a denominação PSP em 1944, ao fim do governo de Fulgencio Batista. Por seu apoio oportunista ao governo Batista, o Partido Comunista Cubano entrou em grande descrédito popular, sendo associado aos partidos políticos tradicionais (MONIZ BANDEIRA, 1998, p. 94).

Castro acabou sendo condenado a 15 anos de prisão. Cumpriu um período de mais de um ano de detenção. Em razão do clamor popular foi concedida anistia aos rebeldes. Castro funda o Movimento 26 de Julho e se retira para o exílio no México.

No período em que os rebeldes estão no México, o filme traz o encontro de Fidel e Che Guevara. O argentino dialoga com uma jovem estadunidense enquanto Fidel observa: “– Em toda a América Latina é igual. O pior sempre chega ao governo. Porque todos esses ditadores têm algo em comum: vocês, os ianques”. Percebe no discurso anti-imperialista de Che um mal que é comum a todo o subcontinente. É o encontro, nesse ano de 1955, de um nacionalista com um internacionalista.⁷ É nesse momento que sela um pacto com Che: “– Minha Revolução primeiro, depois a sua”. Pacto esse honrado. E que levou ao triste e coerente fim de Guevara.

O treinamento dos rebeldes é intenso no ano de 1956. Preparam para novembro seu desembarque em Cuba. A bordo do precário iate *Granma*, 81 rebeldes cubanos (e 1 argentino) viajam pelo mar em condições adversas. *Fidel*, o filme, chega ao fim de sua primeira hora de duração. Até então, temos uma visão otimista de Attwood sobre a História. O diretor humaniza seu personagem principal trazendo pontos importantes de inflexão do desenvolvimento do processo revolucionário. Com o desembarque do *Granma*, o diretor faz nova denúncia sobre as execuções patrocinadas pelo Exército de Batista – assim como o fez quando do ataque ao quartel de Moncada.

Em fevereiro de 1957, a Revolução ganhou um aliado importante: a opinião pública internacional. David Attwood dá importância à opinião pública, destacando as cenas nas quais o jornalista Herbert Matthews, do *New York Times*, é representado. Veterano da Guerra Civil Espanhola, Matthews não esconde a admiração pelo líder guerrilheiro – é possível, inclusive, traçar um paralelo entre a admiração de Matthews com a de Attwood. Após a conversa entre Fidel Castro e Herbert Matthews, e a sessão de fotografias em alto grau de camaradagem, o filme traz o impacto do texto jornalístico sobre os leitores, sejam eles os revolucionários na Sierra Maestra ou Fulgencio Batista. “Fidel está vivo e lutando bravamente na selva densa e quase impenetrável da Sierra Maestra” – o mundo passa a saber do movimento revolucionário. “Presidente Fulgencio Batista enviou a nata do Exército para cercar a área” – a repressão oficial é evidenciada. “Milhares de homens e mulheres são unha e carne com Castro” – o apoio da população à luta guerrilheira. “O nível de desemprego é alto, a corrupção é geral” – isso é Cuba sob domínio de Batista. “Castro e o M-26 são hoje símbolos da oposição” – há uma alternativa, e apoiada pelo povo. “É um movimento revolucionário que se diz socialista e oferece uma via diferente para Cuba: radical, democrática e, portanto, anticomunista” – uma plena identificação entre Matthews e Attwood (nessa cena alguém pergunta “– Como é que é isso?” Possivelmente, seja uma alusão aos comunistas que estão integrados a guerrilha, como Raúl Castro, Che Guevara ou Camilo Cienfuegos). “Foi fácil perceber porque suas tropas o adoram e porque ele vive no coração

⁷ Posteriormente ao sucesso da Revolução Cubana, Fidel Castro perderá esse viés acentuadamente nacionalista. O convívio com Che, o amadurecimento teórico, as vinculações com os comunistas, em especial trotskistas, o enfrentamento intermitente com os EUA e a exportação da Revolução farão de Fidel um internacionalista.

de todos os jovens cubanos. Ele é educado, um entusiasta dedicado, um homem de ideais, de coragem, notáveis qualidades de liderança” – a propaganda em relação a Fidel e à Revolução é outro ponto que permitiu o seu sucesso. Moniz Bandeira se remete a imagem que Castro detinha, à essa época, nos EUA, fruto em muito da reportagem de Matthews: “Uma boa parte da opinião pública norte-americana simpatizava com o movimento que ele liderava e não cria na acusação de que Castro era comunista ou anti-EUA, devido, sobretudo, à utilização abusiva de tal expediente por elementos inescrupulosos, ao tempo do macarthismo, no início da década” (MONIZ BANDEIRA, 1998, p. 162).

A imprensa se tornou, nesse período, mais um ponto de apoio para a revolução que se aproximava; internamente, outro papel importante era desempenhado pela Rádio Rebelde. Mas o apoio maior vinha do próprio processo revolucionário, ao longo dos anos de 1957 e 1958: contribuiu em muito para isso a reforma agrária que era realizada de forma concomitante ao avanço das tropas revolucionárias. A estratégia militar dos rebeldes se mostrou eficiente com a divisão em colunas: a de Fidel, de Raúl, de Camilo e de Che. Coube a esses últimos dois revolucionários o avanço para a região central do país, tomando a província de Las Villas e sua capital, Santa Clara, em dezembro de 1958.

Os primeiros anos da Revolução

No último dia do ano de 1959, Fulgencio Batista, na iminência da derrota para os guerrilheiros e já sem o apoio dos EUA, fugiu para a República Dominicana. O Ano Novo talvez nunca tenha sido tão representativo do desejo de mudanças como foi aquele 01 de janeiro de 1959. A população saiu às ruas e saudou os guerrilheiros. Fidel Castro realizou seu primeiro discurso como líder da Revolução em Santiago de Cuba, no dia 2 de janeiro. E tomou o rumo da capital Havana.

No dia 8 de janeiro, Fidel Castro chegou a Havana. Diante de uma multidão sem registros anteriores na História de Cuba, Castro realizou seu primeiro discurso na capital. David Attwood registra em seu filme algumas palavras do comandante sobre o teor da Revolução Cubana: “– É uma Revolução por escolas, professores, hospitais, médicos. É uma Revolução para o povo. Nem capitalismo, nem socialismo. E sim Humanismo Revolucionário. Nossa Revolução, tão cubana quanto as palmeiras, não é uma Revolução Vermelha. E sim uma Revolução Verde. Uma Revolução democrática do pobre e pelo pobre”.⁸ Attwood privilegia o caráter nacional e democrático da Revolução Cubana em seu início, algo que é perfeitamente compatível com a visão que se tinha sobre o processo revolucionário em seus momentos iniciais, inclusive nos EUA.⁹

Durante o discurso de Fidel Castro pousou sobre seu ombro uma pomba. E essa imagem é registrada em *Fidel*. Para nós, brasileiros do século XXI, isso já afigura-se como

⁸ Uma definição sobre o conceito de Revolução bastante operacional, dentro da perspectiva do materialismo dialético, pode ser encontrada em (DOMINGOS; GUAZZELLI, 2009, p. 101-103).

⁹ A visão que se tinha nos Estados Unidos sobre o processo revolucionário cubano, em especial nos anos de 1958 a 1960, pode ser encontrada no trabalho de Bruno Biazetto (BIAZETTO, 2008, p. 19-38).

um bom presságio: são as pombas o símbolo da paz entre os povos. A Revolução será, simbolicamente, uma revolução pela paz. Porém, a perspectiva que tinham os cubanos de 1959 sobre o símbolo que a pomba representa era ainda mais otimista. Richard Gott aponta que

para os crentes da *Santería*, pombas são símbolos de Obatalá, o Filho de Deus, um deus que modela o corpo humano e governa a mente, os pensamentos e os sonhos de todos. As pombas pousadas nos ombros de Castro foram percebidas pelos crentes como um sinal de que ele havia sido escolhido pelos deuses da *Santería* para guiar e proteger o seu povo (GOTT, 2006, p. 386).¹⁰

A Revolução era vista, assim, como abençoada. Esperava-se dela a Salvação para todos os males – e David Attwood, em *Fidel*, parece compartilhar, até esse momento, dessa perspectiva.

As primeiras leis revolucionárias são promulgadas. Em uma cena alegórica sobre o gabinete de ministros, Attwood dá voz a Fidel Castro que declara: “– Primeiro ouvir o povo. Esta é a primeira lei”.¹¹ Seguem-se a essa a lei a criação de Ministérios de teor social, como o Ministério da Recuperação de Bens Malversados, Ministério do Bem-Estar Social, Ministério da Habitação, que cortou os aluguéis pela metade; além disso, em 17 de maio era promulgada a Lei que criava o Instituto Nacional de Reforma Agrária (INRA).

Embora não haja um caráter radical na lei de Reforma Agrária, houve dissensões importantes no governo cubano. Os setores mais moderados, representados por Manuel Urrutia, bem como os Estados Unidos, se opõem a lei de reforma agrária. Fidel Castro articula sua renúncia ao cargo de primeiro-ministro na tentativa de inviabilizar o conselho de ministros e enfraquecer o presidente. Obtém sucesso e Urrutia renuncia em 16 de julho, sendo escolhido novo presidente de Cuba Oswaldo Dorticós Torrado, que permanecerá no cargo até o ano de 1976.

No segundo ano da Revolução, 1960, é firmado acordo comercial com a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS). A principal medida comercial será a troca de açúcar por petróleo. Porém, o governo cubano não detinha refinarias e precisou solicitar o serviço das empresas estrangeiras – Texaco, Standart Oil e Shell. Houve pressões dos EUA no sentido de que as empresas não refinassem o petróleo soviético e o governo cubano encampou as refinarias, além de ter encampado a empresa de telefonia e de energia elétrica e os bancos estadunidenses. Como forma de retaliação, os EUA, em julho, cortaram a compra de açúcar da ilha em 95% e romperam relações diplomáticas em janeiro de 1961. A Guerra Fria era uma realidade.

¹⁰ Gott explica a dimensão da *Santería*: “Religião sincrética caribenha que deriva, em Cuba, como o candomblé no Brasil, da identificação pelos escravos negros dos orixás africanos com certos santos e virgens católicos” (GOTT, 2006, p. 200). Além disso, para os católicos a pomba representa o “Espírito Santo”, compondo, juntamente com o “Pai” e o “Filho”, a Santíssima Trindade.

¹¹ Fidel Castro assume o cargo de primeiro-ministro em meados de fevereiro de 1959, quando a Constituição de 1940 é alterada, permitindo que alguém menor de 35 anos possa exercer o cargo. Castro contava, então, com 32 anos.

O emblemático episódio Huber Matos

Um caso bastante significativo do caráter policlassista que a guerrilha detinha é representado em *Fidel* por Huber Matos. A primeira menção a seu nome é realizada por Célia Sanchez ainda na Sierra Maestra. Ela faz a seguinte apresentação para Fidel Castro: “– É fazendeiro e tem brevê. Traria as armas de avião para a fazenda. Ele faz tudo pelo movimento”. Nessa curta frase três aspectos merecem atenção: seu caráter de classe (fazendeiro) o difere do senso comum que imagina que a guerrilha fosse apenas sustentada pelos setores médios urbanos e pelos setores camponeses da população; sua utilidade (trazer as armas) demonstra a necessidade que os guerrilheiros têm por novos armamentos, para fazerem avançar a guerrilha; sua causa (faz tudo pelo movimento) o credencia como alguém diretamente engajado na queda de Batista, portador de um sentimento claramente antioligárquico. Seu vínculo é com a idéia de “movimento”, e não de “revolução”.

Huber Matos tem sua primeira aparição no filme quando apresentado a Fidel Castro. Suas palavras para o comandante são: “– Hoje a democracia renasceu em Cuba. E se chama Fidel Castro”. Note-se, novamente, que Matos não faz menção a idéia de Revolução, mas sim a idéia de democracia, o que o classifica, mais uma vez, como portador de aspirações antioligárquicas. Fidel Castro responde: “– Hoje se chama [a democracia] Huber Matos”. Castro não se vincula a mesma aspiração de Matos. Eles têm uma aliança, muito bem simbolizada pelo abraço que os dois se dão. Esse abraço é tanto o símbolo da união das classes que os dois representam, quanto de seu objetivo comum: a queda de Batista.

Quando a Revolução assume o poder, essa aliança dará mostras de seus limites. Em uma das primeiras reuniões do ministério, Huber levanta seus questionamentos sobre o desenvolvimento da Revolução: “– E as eleições? Prometemos devolver a democracia quando lutávamos nas montanhas”. Aos olhares de desaprovação de Raúl Castro e Che Guevara, Fidel Castro responde: “– Estamos no governo porque prometemos construir hospitais e escolas para o povo, porque prometemos devolver a terra para eles. E é isso que estamos fazendo. Precisamos cumprir essa promessa primeiro. Tem coisa mais democrática do que isso? A Revolução vem antes”. Ao que Huber Matos responde: “– Mas também prometemos eleições”. E Fidel encerra, dizendo: “– Vamos cumprir a promessa. Sempre cumprimos nossas promessas”. Nesse diálogo de embate, há uma diferença que não pode deixar de ser registrada: a noção de democracia. Para Huber Matos, a democracia não podia ser desvinculada da liberdade. Era por isso que tinha lutado. Para ter liberdade de escolha. Já Fidel Castro, nesse momento, tinha por democracia a noção de igualdade. Para Castro, a democracia era inseparável da necessidade do atendimento de questões fundamentais, como o acesso geral para a população de saúde e educação. Somente através do suprimento dessas demandas é que a igualdade seria alcançada.

Huber Matos enviou, em outubro de 1959, uma carta a Fidel Castro renunciando a seu cargo de governador da província de Camagüey. Não há uma unanimidade na pesquisa histórica sobre as razões que levaram Fidel Castro a mandar prender Matos. Para Emir Sader, a causa principal foi a insubordinação de Huber Matos em aplicar a lei de reforma agrária na sua província, dado que era um grande proprietário de terras (SADER, 1985, p.

49-50).¹² Luis F. Ayerbe aponta como causa principal o descontentamento de Matos com a indicação de Raúl Castro para o ministério das Forças Armadas em razão de seu alinhamento com os comunistas, o que o levou a preparar uma rebelião contra Fidel (AYERBE, 2004, p. 65). Luiz Alberto Moniz Bandeira tem opinião bastante próxima: para este autor, Huber Matos pretendia organizar uma rebelião em razão do comunismo que seria responsável pela destruição e enterro da Revolução (MONIZ BANDEIRA, 1998, p. 206-207).

No filme de David Attwood, Huber Matos é preso por estar insatisfeito com os rumos que a Revolução vinha tomando: “as diretrizes para as aulas de instrução revolucionária; a instauração do partido; luta ideológica; marxismo científico; ateísmo”. No entanto, esses rumos só foram tomados algum tempo depois. Aproximadamente um ano e meio após a prisão de Matos, em 16 de abril de 1961, Castro declarou o caráter socialista da Revolução Cubana; se declarou marxista-leninista apenas em 02 de dezembro de 1961; o partido só foi instaurado em 1963, como Partido Unido da Revolução Socialista Cubana (Purs) – que em outubro de 1965 seria transformado no Partido Comunista de Cuba.

Attwood demonstra sua crítica ao stalinismo ao afirmar, pela boca de Matos: “– Isto é Stálin”. Se recusando a ensinar isso a seus soldados, Matos declara sua decisão a sua esposa: “– Vou ter de renunciar”. Ela, preocupada, questiona sobre as conseqüências do ato, ao que Huber Matos responde: “– Cortarei cana para o resto da vida”. Na perspectiva liberal de David Attwood, cortar cana é encarado como punição. Castigo reservado àqueles que não têm capacidade para, por méritos próprios, *subir na vida*. Assim como stalinismo é sinônimo de intervenção estatal, de castração das qualidades individuais.

A carta de renúncia enviada por Huber Matos a Fidel Castro ganha destaque no filme. Fidel a lê, frente ao ministério: “– Não quero ser um obstáculo à Revolução. Mas, se eu buscar a verdade, entre concordar com as diretrizes e esquecer as promessas de governo que fiz em Camagüey para não causar danos, o ato mais nobre e revolucionário para mim é renunciar. Escrevo-lhe essa carta com o apoio dos meus subordinados [...] A mim parece certo enfatizar que grandes homens se apequenam quando começam a ser injustos”. A crítica é de Huber Matos a Fidel Castro. Mas não deixa de ser também a crítica de David Attwood aos rumos que a Revolução vinha tomando. Quando o filme se aproxima das duas horas de duração, Attwood já não procura mais passar o mesmo encantamento com a Revolução. Sua visão sobre o processo revolucionário, ou melhor, sobre a institucionalização da Revolução não tem a mesma tonalidade. O que fica explícito quando registra um momento de tensão entre Castro e Célia Sanchez, no qual o primeiro-ministro está irritado com Célia, que defende o passado de Huber: “– Foi o companheiro mais leal”. Castro, irritado pela primeira vez na película, explode: “– Mas não está sendo fiel agora”.

Huber Matos foi condenado a 20 anos de prisão por conspiração e traição. Escapou da pena capital. A razão não foi apenas a generosidade de Castro, mas sim a necessidade de não criar mártires para os contra-revolucionários. Ao final do filme, o registro de que Huber

¹² Para Sader, Huber Matos era um “come-vacas –suposto guerrilheiro que nada fazia senão comer o gado da região” (SADER, 1985, p. 51).

Matos, depois de cumprir pena, foi para Miami e se tornou figura expressiva do movimento anticomunista. Attwood não foi tão longe.

A aceleração do tempo histórico

De acordo com o calendário da Revolução, 1961 é o ano da Educação. Nesse ano, os estudantes tiveram licença das escolas e foram aos vilarejos mais longínquos, dentro da campanha de alfabetização que a Revolução organizara. Cuba, até então, tinha elevado índice de analfabetismo: 40% de sua população não sabia ler nem escrever. Com os esforços protagonizados pelos 100 mil estudantes-professores, ao final de 1961 o índice de analfabetismo em Cuba era de 3,9%, o mais baixo de toda a América Latina. Bases militares, como o anexo de *Camp Colúmbia* em Marianao, subúrbio de Havana, foram transformadas em escolas. Foram construídas mais de 3 mil escolas, no período de 1959 a 1961. Richard Gott afirma que, “como prometera Castro, a Revolução aboliu o analfabetismo em um ano. A campanha foi um de seus maiores triunfos” (GOTT, 2006, p. 217).

Porém, a dimensão de importância desse dado escapa ao filme de David Attwood. A razão maior são os acontecimentos que ocorreram nesse ano, e seus desdobramentos ocorridos em 1962. Em abril de 1961, no dia 13, houve um incêndio provocado por contrarrevolucionários na loja *El Encanto*, no centro de Havana. Uma trabalhadora foi morta e houve diversos feridos. No dia 15, aviões bombardearam o aeroporto de Santiago de Cuba e mais dois campos de pouso na capital: morreram 7 pessoas e houve 53 feridos. O objetivo era avariar a Força Aérea Cubana, pois no dia 17 mais de 1500 homens treinados pela CIA invadiram Praia Girón, na Baía dos Porcos. A resistência se deu pelas milícias formadas por Guevara e comandadas por Fidel Castro – Che, nesse momento, estava em Havana, para preservar a segurança da capital. As forças cubanas foram vitoriosas e foi nessa conjuntura que Castro declarou o caráter socialista da Revolução, em 16 de abril, quando, já informado dos planos da CIA, acusava os EUA da responsabilidade dos atentados no país.

Kennedy, que até então assegurava que os EUA não tinham intenção de invadir Cuba, precisou assumir o fracasso do plano. Em *Fidel*, após o insucesso da invasão, aparece uma cena na qual John Kennedy, lacônico, afirmava: “– A Operação foi um fracasso e a Casa Branca é a responsável”. Pouco mais que isso avança o documentário na denúncia sobre o presidente democrata dos EUA. Há, inclusive, um momento no filme, onde um diálogo de Che Guevara com Fidel Castro é apresentado: Che: “– Ele parece ser um cara legal”. Fidel: “– Acho que dá para negociar com esse presidente”. Mesmo que Attwood criticasse o ato da invasão da Baía dos Porcos na figura de Kennedy, ainda permanecia, na sua perspectiva, a imagem de um presidente que por ser jovem, católico e democrata, seria um progressista. No entanto, essa perspectiva, brevemente apontada em *Fidel*, não corresponde à realidade, pois

em 18 de novembro de 1960, John F. Kennedy, recém-eleito presidente dos EUA, foi oficialmente informado por Allen Dulles e Richard Bissel de que a CIA treinava forças paramilitares na Guatemala com o propósito de promover um ataque anfíbio contra Cuba, bem como, em suas linhas gerais, do plano para assassinar Fidel Castro (MONIZ BANDEIRA, 1998, p. 255).

O episódio da Crise dos Mísseis – talvez o ponto mais quente de toda a Guerra Fria – é abordado rapidamente. Emblemática é a divergência entre Che Guevara e Raúl Castro em relação ao apoio da URSS. Tendo sido negociado o fim da crise sem a participação de Cuba, Che passou – mas não apenas por isso – a ter reservas em relação aos soviéticos; enquanto Raúl, por sua formação comunista mais ortodoxa, defendia acriticamente o governo de Nikita Kruschchev.

Fidel, com o episódio da Baía dos Porcos, chega a duas horas de filme. Há, então, um salto – ou uma aceleração no tempo histórico – capaz de demonstrar 40 anos da História de Cuba (1961 a 2001) em apenas 25 minutos. No entanto, isso não inviabiliza a imagem que o filme pretende passar sobre o processo que a Revolução toma ao longo das décadas de 1960, 1970 e 1980.

É nesse curto espaço de tempo que os problemas econômicos por quais passa a ilha são apontados. Expressiva é a cena na qual a antiga cozinheira do *Havana Hilton* reclama sobre o desabastecimento de gêneros de primeira necessidade: ao mostrar cada produto, ela declara o número de horas que teve de passar na fila para obtê-los. É o ano de 1969, o ano do sacrifício coletivo para aumentar a produção de açúcar até atingir o número de 10 toneladas (1969 passou para o calendário da Revolução como o ano do Esforço Decisivo). O objetivo era aumentar a produção para aumentar os recursos econômicos. Os 10 milhões de toneladas não foram alcançados – a produção chegou a 8,5 milhões de toneladas, um recorde – e as dificuldades não foram sanadas em sua totalidade. Além disso, a hipertrofia do setor açucareiro causou mais desequilíbrios na produção de alimentos. A crítica vem, então, pela boca de uma legítima trabalhadora cubana: “– Desde então, rezo pela revolução todas as noites [há 10 anos]. E, quando acordo, tudo piorou”. Todavia, essa é a crítica do diretor do filme. Uma crítica que se esquece de conquistas que mantém a Revolução até os dias de hoje, passados 50 anos de seu início.

Já a burocratização que a Revolução tomou em Cuba é associada diretamente com a burocratização que a própria URSS também não soube evitar. “– Nossa Revolução não é uma Revolução de burgueses. É uma Revolução comunista”. Com essa frase expressa por Castro, Attwood dá a dimensão que a Revolução toma nos anos 1980, pois desde 1972 há uma identificação quase que total entre Cuba e a URSS. É nesse ano que Cuba ingressa no Conselho de Ajuda Mútua Econômica (CAME), instância administrativa da vida econômica dos países socialistas. Se a Revolução nasce como um projeto nacionalista e “independente”, os anos da Guerra Fria, com a oposição sistemática e contundente dos Estados Unidos, aproximam Cuba da União Soviética. E isso parece incomodar o diretor de *Fidel*.

Nos minutos finais do filme, ocorre o encontro de Fidel Castro com Célia Sanchez, sua fiel colaboradora. O encontro é carregado de drama, pois Célia se encontra em seu leito de morte. O impacto da situação reforça ainda mais a crítica de Attwood, dessa vez expressa por Célia Sanchez: “– Precisa me ouvir quando digo que está perdendo o contato com o povo. Não é que eles tenham deixado de te amar. É da natureza do poder. [...] Não os deixe que o vejam como um ditador”.

Para David Attwood, o governo se burocratiza e tem marcado traço autoritário. Isso fica expresso nas atitudes tomadas por Fidel Castro quando do encontro com o

representante da Agricultura, que elenca os problemas relacionados ao açúcar e ao café; quando do encontro com a ex-cozinheira do *Havana Hilton*, que se queixa e Fidel ouve mas não escuta; no episódio da vaca, que não se ambienta ao calor dos trópicos e com isso tem fraco desempenho na produção de leite. Em todas essas circunstâncias, bem como no caso de Huber Matos, o diretor do filme traz uma imagem de Fidel Castro que não se assemelha em nada com a imagem que o próprio filme constrói para o período pré-1959. Há um Fidel que não admite nunca ser contrariado. “- Eu sou o único revolucionário” é a frase que marca o seu autoritarismo. E que encerra o filme.

Palavras de encerramento

Ao longo de nossa exposição, procuramos mesclar aspectos históricos da História de Cuba e de sua Revolução, com elementos presentes no filme *Fidel*, dirigido por Davi Attwood. Por ser uma produção de profundo cunho didático, em muitos momentos o filme *fala por si mesmo*, explicando a História cubana a partir de sua perspectiva.

Mas qual é essa perspectiva que “narra” a História de Cuba de 1949 a 2001? É a perspectiva que norteia a visão de mundo de seu diretor. E qual é essa visão de mundo? É uma visão de mundo essencialmente liberal. Onde toda forma de opressão é condenada – e isso é realmente feito pelo filme: ele condena os atos dos EUA, condena os atos da URSS e condena os atos de Fidel. Condena sempre que acha justo condenar. E essa *justiça* sempre é dada pelo viés da liberdade.

Dois aspectos dessa visão de mundo são expressivos no filme. O primeiro deles é o embate entre Huber Matos e Fidel Castro. Matos representa a liberdade (os direitos políticos), Castro representa a igualdade (os direitos sociais). Attwood não despreza os direitos sociais, mas prioriza os direitos políticos. É possível perceber uma clara identificação entre a visão de mundo do diretor do filme com a visão de mundo – passada pelo diretor – de Huber Matos.

O segundo aspecto está intimamente ligado com o primeiro, em seu viés liberal. Enquanto Castro lutava pela independência de Cuba, suas ações eram expostas de forma positiva. Sua luta era justa. Quando Fidel Castro assume o poder e a Revolução se institucionaliza – ou se burocratiza, conforme a visão de mundo do diretor – suas ações passam a ser expostas de outra maneira. Seu viés autoritário é ressaltado, algumas vezes com *tintas carregadas*, como se estivesse se tratando de outra pessoa. Como se Castro, nesse momento Doctor Jekyll, ao tomar a poção (a natureza do poder) se transformasse em Mr. Hyde, como no célebre livro de Stevenson.

Fidel Castro não é mais o presidente de Cuba. Talvez hoje, em 2010, o filme *Fidel* já possa ser visto como documento do/sobre o passado. A História não pode ser personificada. A mudança faz parte da História. Com uma economia capitalista vencedora no conflito conhecido por Guerra Fria Cuba passa a ter dificuldades de se comportar da maneira que seu povo decidiu antes do embargo dos EUA e da dissolução da URSS. O que fica são as idéias de um país mais igualitário e os exemplos de que as mudanças nem sempre são para pior.

Referências bibliográficas

AYERBE, Luis Fernando. **A Revolução Cubana**. São Paulo: UNESP, 2004.

BIAZETTO, Bruno Henz. **A insurreição no meu quintal**: processo decisório e percepção da diplomacia norte-americana durante a Revolução Cubana (1958-1960). 178 f. Porto Alegre: PUCRS, 2008. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.

CASTRO, Fidel. A História me absolverá. In: ALI, Tariq. **Fidel Castro: as Declarações de Havana**. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

DOMINGOS, Charles Sidarta Machado; GUAZZELLI, Cesar Augusto Barcellos. A História me absolverá: as barbas da Revolução nas barbas do Império. In: GUAZZELLI, Cesar Augusto Barcellos; DOMINGOS, Charles Sidarta Machado; BECK, José Orestes; QUINSANI, Rafael Hansen. **A Prova dos 9**: a História Contemporânea no Cinema. Porto Alegre: EST, 2009, p. 99-124.

GOTT, Richard. **Cuba**: uma nova História. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

LOPEZ, Luiz Roberto. **José Martí**: pensamento e revolução. 98 f. Porto Alegre: UFRGS, 1983. Monografia (Especialização em História da América Latina) – Programa de Pós-Graduação em História, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1983.

MARX, Karl. O 18 Brumário de Luís Bonaparte. In: MARX, Karl. **Manuscritos filosóficos e outros textos escolhidos** – *Os Pensadores*. São Paulo: Abril Cultural, 1974.

MONIZ BANDEIRA, Luiz Alberto. **De Martí a Fidel**: a Revolução Cubana e a América Latina. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998.

PÉREZ JUNIOR, Louis A. Cuba, c.1930-1959. In: BETHELL, Leslie. **Historia de America Latina**. Vol. 13 México y el Caribe desde 1930. Barcelona: Crítica, 1998.

SADER, Emir. **A Revolução Cubana**. 4ª ed. São Paulo: Moderna, 1985.

WASSERMAN, Claudia (org.). **A Revolução Cubana**: 50 anos de imprensa e história no Brasil. Porto Alegre: EST, 2009.